

CORREIO BRAZILIENSE

## SUPER ESPORTES

www.df.superesportes.com.br - Editor: Alexandre Botão Subeditora: Cida Barbosa E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

**17** Depois de receber ultimato da CBF, Dunga (foto) sabe oficialmente que não poderá convocar Neymar na Copa América, torneio que pode salvá-lo ou condená-lo.



Nelson Almeida/AFP - 9/11/15

**FUTEBOL CANDANGO** Times do DF amargam quedas, ano a ano, no Ranking de Clubes da CBF. A falta de investimento e a terceirização das categorias de base são os principais motivos para a decadência local

# Zona de rebaixamento

CAMILA CURADO  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Situações inusitadas fazem parte da história do futebol do DF. No início do campeonato candango deste ano — que neste fim de semana chega à disputa das quartas de final —, Brasília e Cruzeiro-DF por pouco não se viram excluídos e rebaixados pela ausência da Certidão Negativa de Débitos, documento obrigatório pela Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte. O Paracatu entrou em campo com apenas oito jogadores profissionais — os únicos cadastrados no Boletim Informativo Diário (BID) da CBF — e teve de completar o time com juniores. E dois técnicos jogaram a toalha ainda na primeira rodada: Omar Feitosa, no Brasília, e Jorge Medina, no Planaltina-GO. Além disso, clubes tiveram jogos remanejados para outros estádios por falta de laudos técnicos e de manutenção no gramado, como ocorreu com o Serejão e com o Mané Garrincha.

Ao longo do campeonato, demissões e alterações no calendário — seja de local, seja de data — não cessaram. Por detrás dessas intempéries, há complicações burocráticas e financeiras que prejudicam o desenvolvimento do esporte na capital. Em consequência, times amargam derrotadas ano após ano e vislumbram um futuro sem grandes expectativas de crescimento, ao menos a curto prazo. A decadência pode ser atestada também no Ranking de Clubes da CBF 2016, principal termômetro da modalidade no país.

De 2010 a 2012, as equipes oscilaram entre melhores e piores, e de 2013 a 2015, despencaram — à exceção do Luziânia, que saiu da 194ª posição para a 108ª nesse triênio. O Gama também foge à regra, mas de forma negativa. Apesar de ter saído do 122º lugar para o 107º no último levantamento, o alviverde caiu 60 posições nos últimos cinco anos. O último clube a ficar entre os 40, em 2013, foi o Brasiliense, atualmente primeiro colocado entre os times do DF, na 67ª colocação.

Auxiliar-técnico do Gama, Reynaldo Gueldini trabalhou no Brasília, no CFZ, no Brasiliense e no alviverde nos últimos 20 anos. Ele acredita que o maior agravante na baixa qualidade do futebol na capital é a falta de investimento na base. “Na passagem do Gama da Série C para a B (em 2004), a maioria dos jogadores foi feita aqui dentro”, lembra. “O crescimento vem do trabalho que a gente planta em casa.”

Em 2011, eram 18 times do DF no ranking, composto por 419 clubes. No último levantamento, havia sete candangos em meio a 223 nacionais. A proporção, que antes era de um para 23, caiu de um para cada grupo de 31. E, dos 26 estados, 18 passam na frente dos brasilienses — todos os do Sul, sete do Nordeste, dois do Centro-Oeste e três do Sudeste.

Presidente e fundador do Atlético Ceilandense, da segunda divisão do DF, Manoel Santos ressalta a importância de patrocinadores na ascensão dos clubes:

Antonio Cunha/Esp. CB/D.A Press - 3/1/14



Por falta de laudos de segurança, o Serejão só recebeu um jogo do campeonato candango, na última rodada da primeira fase, porque não havia outra opção, mas com portões fechados

“Para melhorar a posição no ranking, só quando tiver investidor, quando os times começam a crescer, quando tiverem na Série B, Série C. A dificuldade é muito grande”.

## Cálculo

O ranking é calculado pelas participações dos clubes em competições, como Brasileiro, Copa do Brasil, Libertadores e Copa Sul-Americana. Quanto melhor a colocação e a divisão, mais pontos o time ganha. Além disso, o desempenho nos últimos quatro anos tem peso na metodologia. Portanto, na classificação de 2010, a participação das equipes em 2006 teve relevância.

E a modalidade no DF de 2006 a 2010, vivia outra realidade. Os dois times que disputavam o Campeonato Brasileiro, Brasiliense e Gama, estavam nas séries B e C. Em 2009 e 2010, esse número era de três equipes, com o Brasília na terceira. Pela Copa do Brasil, o Periquito chegou às oitavas, enquanto o Jacaré sentiu o gosto da semifinal em 2007, feitos nunca mais alcançados.

No último ano, apenas três clubes estiveram em uma das competições válidas na pontuação do ranking: o Gama, na Série D do Brasileirão, e o Brasília, na Copa Sul-Americana — por sinal, pela primeira vez na história do futebol candango — e na Copa do Brasil, que contou também com o Luziânia. Em todas, os times não passaram da primeira fase.

A queda de 20 colocações não é para menos: em 2010, três times disputaram o Campeonato Brasileiro e dois deles marcaram presença na classificação geral: o Brasiliense, em 17º lugar na Série B; o Gama, em 19º na C; e o Brasília, em 10º na quarta divisão.

## Ex-atletas apontam retrocesso

O Correio entrevistou os ex-jogadores Gérson, 42 anos, e Jairo, 41, e o ex-lateral Rochinha, 40, que ajudaram clubes do DF na conquista de títulos inéditos — como o acesso à Série A pelo Gama em 1998 e pelo Brasiliense em 2004. Para eles, o motivo do declínio é a terceirização da formação dos jogadores. “A base do Gama não é do Gama”, reclama Gérson. Corinto Silveira, diretor e investidor das categorias de base do alviverde, explica: “Se for negociado um jogador, temos um percentual de 50%. Mas isso não tem acontecido. No meu ponto de vista, os times de Brasília têm que acreditar mais na base”.

Segundo os ex-jogadores, o Gama começou a formar uma base forte em 1994, que rendeu, quatro anos mais tarde, a vitória no torneio local e o primeiro título na Série B do Brasileirão de um time do DF. Jairo, que atuou como treinador do Taguatinga até a sexta rodada do Candango de 2016, opina: “A torcida de hoje talvez sejam as crianças daquela época, porque nós conquistamos muitos títulos”.

Eles se recordam que, há mais de uma década, os juniores tinham calendário no Candango e disputavam preliminares dos jogos profissionais. “Se ia jogar Gama x Sobradinho, horas antes o time de base jogava. Então, técnicos e jogadores do profissional assistiam, e os torcedores também. Era mais competitivo”, lembra Gérson, cinco vezes campeão candango. “Você via o treinador, o presidente e a diretoria do profissional acompanhando, porque eles estavam lá, existia essa motivação. Hoje, não tem mais isso”, emenda, lamentando o retrocesso.

Jhonatan Vieira/Esp. CB/D.A Press



Ex-jogadores, Rochinha e Gérson viveram bons tempos do futebol do DF

Erivaldo Alves, presidente da FDF, comenta sobre a dificuldade de ascensão. “Para subir no ranking, nós temos de, no mínimo, ter acesso à Série C. Hoje, Brasília não tem nenhum time na terceira divisão, e tem duas vagas na Série D.” Ele estima que a entidade precisa de ao menos dois anos de investimentos no futebol para recuperar números positivos. “Se o Brasiliense conseguir um acesso à Série C, volta a ficar entre os 50”, projeta, ao se referir ao clube que se mantém na primeira colocação entre os times do DF nos últimos quatro anos.

Gérson e Rochinha jogaram no Gama de 1998 a 2003. No ano seguinte, se reencontraram no Brasiliense. Em 2012, os dois estavam no Capital, mas não trocavam passes. Rochinha jogava na linha, sob comando de Gérson, que havia se tornado treinador. Hoje, o ex-lateral é

empresário de dois jogadores do Brasiliense, Luquinhas e Felipe Chaves, além do filho, Vinícius, que atua no Brasília. Todos são atletas de base. Ele reclama da ausência de campinhos de futebol gratuito, da falta de empenho individual dos jogadores e, sobretudo, da federação “bagunçada”. “Os times daqui duram quatro meses, ‘os caras’ não pensam no calendário brasileiro”, argumenta.

Gérson, por sua vez, está afastado do futebol. Ele gerencia o Centro Olímpico do Setor O, função que desempenha há quase três anos. Saudosista, traz na memória a visibilidade nacional que clubes conquistaram na época em que era jogador. “Tem que se criar uma maneira de se fazer um futebol para o torcedor voltar a ir ao estádio. E, para chegar lá, se não fizer um investimento no trabalho de base, no próprio clube, é mais difícil.”

## Fase decisiva começa hoje

Neste fim de semana, o Campeonato Brasiliense entra na fase decisiva. Hoje, dois jogos movimentam as quartas de final da competição, com uma curiosidade: ambas as partidas serão realizadas fora do Distrito Federal. “Forasteiros”, que disputam o Candango desde 1996, tentam o título pela segunda vez na história do torneio.

Sem o Mané Garrincha — em reforma do gramado —, o Brasília resolveu mandar o confronto de hoje, diante do Ceilândia, às 15h30, no Diogão, em Formosa. Segundo a assessoria do clube, o estádio era a única opção viável para a partida. No Frei Norberto, em Paracatu (MG), o time local recebe o Brasiliense, às 15h30.

Quatro equipes de fora do DF disputaram a primeira fase do Candango neste ano: três goianas e uma mineira. O Planaltina-GO, que somou quatro pontos, foi rebaixado à Série B. O Formosa-GO, com a segunda melhor média de público no torneio — 1.112 pagantes por jogo —, ficou na 10ª colocação e não conseguiu vaga nas quartas de final.

O Paracatu tenta repetir o feito alcançado pelo Luziânia-GO em 2014. O Azulão foi o único clube “forasteiro” na história a conquistar o Candango. Os goianos, por sinal, estão nas quartas. O presidente do clube, Daniel dos Santos, acredita no planejamento que a equipe fez para o campeonato. “Mantivemos a base campeã de 2014. É a mesma comissão técnica, e 70% do time que levantou o troféu. Temos uma das equipes mais baratas do torneio e, mesmo assim, fizemos a melhor campanha”, destacou o dirigente.